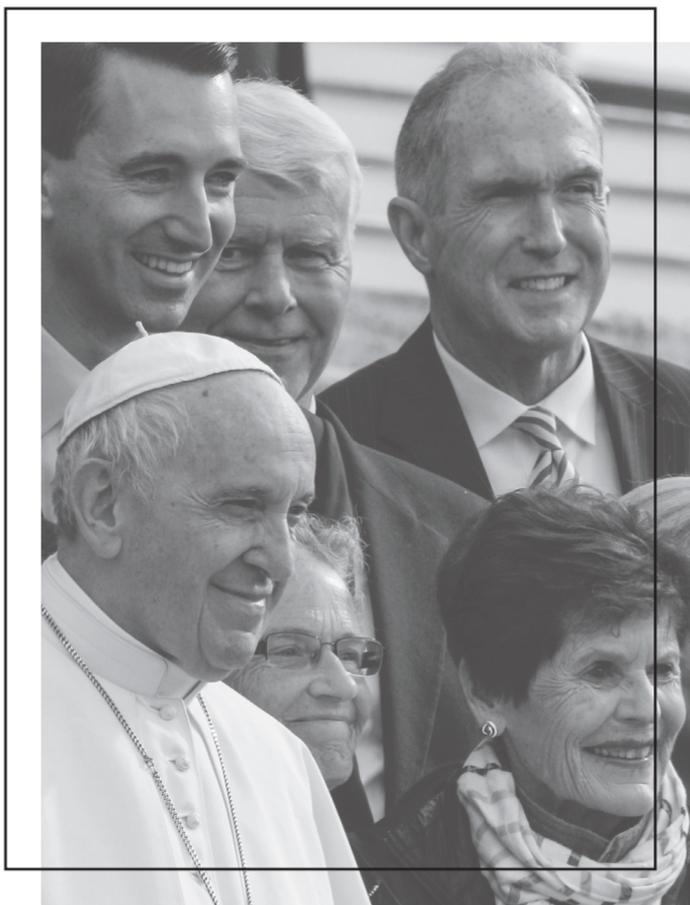


Catequese do papa Francisco

- *A profissão da fé*
- *Os sacramentos e os dons do Espírito Santo*
- *A família*
- *A Igreja*
- *A santa missa*
- *A esperança cristã*
- *A misericórdia*
- *Os mandamentos*
- *O Pai-nosso*
- *Os Atos dos Apóstolos*
- *As bem-aventuranças e a cura do mundo*
- *A oração*
- *A Carta aos Gálatas*
- *São José*
- *Os idosos*



PAPA FRANCISCO
OS IDOSOS

© Libreria Editrice Vaticana
00120 Cidade do Vaticano

Direção editorial: *Frei Darlei Zanon*

Coordenação editorial: *Danilo Alves Lima*

Coordenação de revisão: *Tiago José Risi Leme*

Preparação do original: *Tatianne Francisquetti*

Foto da capa: *Shutterstock*

Editoração, impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Francisco, Papa, 1936-

Os idosos / Papa Francisco. São Paulo: Paulus, 2022.

Coleção Catequeses do Papa Francisco.

ISBN 978-65-5562-721-3

1. Idosos – Aspectos religiosos 2. Envelhecimento – Aspectos religiosos
I. Título. II. Francisco, Papa, 1936- III. Série

22-4387

CDD 248.85

Índice para catálogo sistemático

1. Idosos – Aspectos religiosos



Seja um leitor preferencial **PAULUS**.

Cadastre-se e receba informações
sobre nossos lançamentos e nossas promoções:

paulus.com.br/cadastro

Televidas: (11) 3789-4000 / 0800 016 40 11

1ª edição, 2022

© **PAULUS – 2022**

Rua Francisco Cruz, 229

04117-091 • São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br

editorial@paulus.com.br

ISBN 978-65-5562-721-3

SUMÁRIO

OS IDOSOS

- A graça do tempo e a aliança das idades da vida — 9
- A longevidade: símbolo e oportunidade — 14
- A velhice, recurso para a juventude despreocupada — 19
- A despedida e a herança: memória e testemunho — 24
- A fidelidade à visita de Deus para as próximas gerações — 28
- “Honra o pai e a mãe”: o amor pela vida vivida — 33
- Noemi, a aliança entre as gerações que abre o futuro — 38
- Eleazar, a coerência da fé, herança da honra — 42
- Judite: uma juventude admirável, uma velhice generosa — 46
- Jó: a prova da fé, a bênção da espera — 50
- Eclesiastes: a noite incerta do sentido
e das coisas da vida — 55
- “Não me abandones quando meu vigor se extingue!” — 59
- Nicodemos: “Como pode um homem nascer,
sendo já velho?” — 63
- O alegre serviço de fé que se aprende na gratidão — 68
- Pedro e João — 72
- “Vou preparar-vos um lugar” — 77
- O “ancião de dias”: a velhice tranquiliza
sobre o destino para a vida que já não morre — 81
- As dores da criação: a história da criatura
como mistério de gestação — 85
- Índice das catequese do papa Francisco
(ordem cronológica) — 89

OS IDOSOS

A GRAÇA DO TEMPO E A ALIANÇA DAS IDADES DA VIDA

HOJE INICIAMOS UM PERCURSO de catequeses que procura inspiração na Palavra de Deus *sobre o sentido e o valor da velhice*. Reflitamos sobre a velhice. Há já algumas décadas, essa idade da vida diz respeito a um verdadeiro “novo povo”, que são os idosos. Nunca antes fomos tão numerosos na história da humanidade. O risco de sermos descartados é ainda mais frequente: nunca fomos tão numerosos como agora, nunca houve um risco tão grande como agora de sermos descartados. Os idosos são frequentemente vistos como “um peso”. Na dramática primeira fase da pandemia, foram eles que pagaram o preço mais elevado. Já eram a parte mais débil e negligenciada: não olhávamos muito para eles quando eram vivos, nem sequer os vimos morrer. Encontrei também esta *Carta para os direitos dos idosos e os deveres da comunidade*: foi editada pelos governos, não pela Igreja, é uma coisa laica; é boa, é interessante, para sabermos que os idosos têm direitos. Fará bem lê-la.

Juntamente com a migração, a velhice é uma das questões mais urgentes que a família humana é chamada a enfrentar atualmente. Não se trata apenas de uma mudança quantitativa; o que está em jogo é *a unidade das idades da vida*: ou seja, o verdadeiro ponto de referência para a compreensão e a apreciação da vida humana na sua totalidade. Perguntemo-nos: existe amizade, existe aliança entre as diferentes idades da vida, ou prevalecem a separação e o descarte?

Todos vivemos num presente em que coexistem crianças, jovens, adultos e idosos. Mas a proporção mudou:

a longevidade tornou-se massa e, em grandes partes do mundo, a infância é distribuída em pequenas doses. Falamos também sobre o inverno demográfico, um desequilíbrio que tem muitas consequências. A cultura dominante tem como único modelo o jovem adulto, isto é, um indivíduo que se faz por si mesmo e que permanece sempre jovem. Mas será verdade que a juventude contém o sentido pleno da vida, enquanto a velhice representa simplesmente seu esvaziamento e sua perda? Será verdade? Será que só a juventude contém o sentido pleno da vida, e a velhice é o esvaziamento da vida, a perda da vida? A exaltação da juventude como única idade digna de encarnar o ideal humano, unida ao desprezo pela velhice, vista como fragilidade, degradação ou deficiência, foi o ícone dominante dos totalitarismos do século XX. Já nos esquecemos disso?

O prolongamento da vida incide de maneira estrutural sobre a história dos indivíduos, das famílias e das sociedades. Mas devemos perguntar-nos: sua qualidade espiritual e seu sentido comunitário são objetos de pensamento e de amor coerentes com esse fato? Talvez os idosos devam pedir desculpa pela sua obstinação em sobreviver à custa dos outros? Ou podem ser honrados pelos dons que trazem à vida de todos? De fato, na representação do sentido da vida – e, precisamente, nas chamadas culturas “desenvolvidas” –, a velhice tem pouca incidência. Por quê? Porque é considerada uma idade que não tem qualquer conteúdo específico para oferecer nem significado próprio para viver. Além disso, há uma falta de incentivo para que as pessoas procurem os idosos e uma falta de educação para que a comunidade os reconheça. Em suma, para uma idade que é agora uma parte determinante do espaço comunitário e se estende a um terço de toda a vida, existem – por vezes – planos de assistência, mas não projetos de existência.

Planos de assistência, sim, mas não projetos para fazê-los viver em plenitude. E isso é um vazio de pensamento, de imaginação, de criatividade. Por trás desse pensamento, o que faz o vazio é que o idoso, a idosa são material de descarte; nessa cultura do descarte, os idosos entram como material de descarte.

A juventude é bela, mas a eterna juventude é uma alucinação muito perigosa. Ser ancião é exatamente tão importante – e belo – quanto ser jovem. Lembremo-nos disso. A aliança entre as gerações, que restitui ao humano todas as idades da vida, é a nossa dádiva perdida, e devemos recuperá-la. Deve ser encontrada novamente, nesta cultura do descarte e nesta cultura da produtividade.

A Palavra de Deus tem muito a dizer sobre essa aliança. Há pouco, ouvimos a profecia de Joel: “Os vossos anciãos terão sonhos, os vossos jovens terão visões”.¹ Isso pode ser interpretado da seguinte forma: quando os idosos resistem ao Espírito, enterrando os seus sonhos no passado, os jovens já não conseguem ver as coisas que devem ser feitas para abrir o futuro. Quando, pelo contrário, os idosos comunicam os seus sonhos, os jovens veem claramente o que devem fazer. Os jovens que já não questionam os sonhos dos idosos, focalizando de cabeça baixa visões que não vão além de seu nariz, terão dificuldade de carregar o seu presente e suportar o seu futuro. Se os avós voltarem a cair nas suas melancolias, os jovens se fecharão ainda mais com os seus *smartphones*. A tela pode permanecer ligada, mas a vida se apagará antes do tempo. Não consiste precisamente no desorientamento dos jovens a mais grave repercussão da pandemia? Os idosos têm recursos de uma vida já vivida aos quais podem recorrer a qualquer momento.

¹Jl 3,1.

Ficarão parados, vendo os jovens perderem a visão, ou os acompanharão, aquecendo os seus sonhos? Perante os sonhos dos idosos, o que farão os jovens?

A sabedoria do longo caminho que acompanha a velhice à sua despedida deve ser vivida como uma oferta de sentido para a vida, não consumida como a inércia da sua sobrevivência. Se a velhice não for restituída à dignidade de uma vida humanamente digna, está destinada a fechar-se num desânimo que rouba a todos o amor. Esse desafio de humanidade e de civilização requer o nosso empenho e a ajuda de Deus. Peçamo-lo ao Espírito Santo. Com estas catequeses sobre a velhice, gostaria de encorajar todos a investirem seus pensamentos e afetos nos dons que ela tem em si e proporciona às outras idades da vida. A velhice é um presente para todas as idades da vida. É um dom de maturidade, de sabedoria. A Palavra de Deus nos ajudará a discernir o sentido e o valor da velhice; que o Espírito Santo nos conceda também os sonhos e as visões de que necessitamos. E gostaria de salientar, como ouvimos na profecia de Joel, no início, que o importante não é apenas que o idoso ocupe o lugar da sabedoria que tem, de história vivida na sociedade, mas também que haja um diálogo, que fale com os jovens. Os jovens devem dialogar com os idosos, e os idosos, com os jovens. E essa ponte será a transmissão de sabedoria à humanidade. Espero que estas reflexões sejam úteis para todos nós, para levarmos adiante esta realidade que o profeta Joel apresentava: que, no diálogo entre jovens e idosos, os anciãos podem oferecer sonhos, e os jovens podem recebê-los e levá-los adiante. Não esqueçamos que, tanto na cultura familiar como na social, os idosos são as raízes da árvore, têm toda a história ali, e os jovens são como as flores e os frutos. Se o sumo não vier, se não houver esse “soro” – digamos – das raízes, nunca

poderão florescer. Não esqueçamos aquele poeta que já citei muitas vezes: “Tudo o que a árvore tem de florescido vem do que está enterrado”.² Tudo o que uma sociedade tem de bom está relacionado com as raízes dos idosos. Por essa razão, nestas catequeses, gostaria que a figura do idoso fosse posta em evidência, que se compreendesse bem que o ancião não é um material de descarte: é uma bênção para a sociedade.

Audiência geral
23 de fevereiro de 2022

² Francisco Luis Bernárdez.